

CARTA PRA VALÉRIA

Na segunda eu estava em Linhares, no Espírito Santo, atendendo uma cliente.

Os vídeos começaram a pipocar.

Em todos os grupos os mesmos sentimentos de indignação e repulsa pelo abuso contra você.

De mim, ao lado do repúdio ao ato, o respeito por sua postura, firme, indignada e, paradoxalmente, serena.

Sair da mesa de audiência?

Aceitar o ato de abuso, se levantar e ir embora?

Alguns até gostariam que você tivesse feito isso.

Afinal, o tempo urgia, tinham outras audiências a serem realizadas e você, ao exercer seu direito, estava atrapalhando a justiça feita apressadamente, a justiça máquina, a justiça linha de produção.

O que você pedia?

Pedia o absurdo.

Queria o respeito as suas prerrogativas e a presença do representante da Ordem.

Advogada insolente!

Não conhece seu lugar?

Acate as ordens, silencie.

Prerrogativa?

O que é isso?

Garantia deferida à advocacia para o pleno exercício profissional?

Bobagem.

Aqui mando eu - a Juíza, assim, com maiúscula.

Não sou advogada. Abdiquei dessa condição quando passei a ser juíza leiga.

Leiga, mas juíza.

Advogada? O que é?

Encerrei a ata sem ouvir seus protestos?

Tenho pressa. Temos pressa. A vida há de seguir.

Hoje o tempo é outro, sem espaço para “filigranas” jurídicas.

Ler a contestação?

Que bobagem, mania de exercício pleno da defesa.

Não aprendeu ainda?

“Primeiro a sentença, depois o processo”, disse Lewis Carrol em Alice no país das maravilhas.

Um dia, um dos nossos maiores disse que advocacia não é profissão para covardes.

E você foi brava Valéria.

Diante do arbítrio, não se curvou.

Você, Valéria, resistiu.

Nos representou a todos.

Valéria, seu nome é ADVOGADA..